

## Viagem e Investigação na Grécia Arcaica

---

*Katsuzo Koike*

### *Abstract*

*The purpose of this article is to discuss the role of the voyages in the greek investigation about the world in the Archaic Period. Basically, the greek 'historie' had two aims: to explore other places and peoples and to research on the 'physis'. These voyages had a distinguished place in the greek culture for the practice of investigation which instigated the greek desire to the exploration of the world and its mysteries.*

Pretendemos apontar alguns elementos que nos ajudem a compreender o lugar das viagens na formação do exercício investigativo dos gregos a partir do século VI a.C. Sem querer negar a inclinação dos helenos para os grandes deslocamentos, interessa-nos no momento verificar o valor que eles dedicaram às viagens, como um tipo de experiência intelectual, como forma de explorar o mundo em sentido amplo. Buscamos analisar, dentro da tradição jônica de pensamento, o interesse grego em compreender o mundo, tanto em sua disposição etno-geográfica quanto pelos mais íntimos segredos da natureza, do céu, da terra e do ar.

Verificamos que no desenvolvimento do pensamento filosófico jônico, já no século VI a.C., existem interesses que caminham paralelamente: primeiro, o desejo em descobrir os limites do mundo, em conhecer terras distantes e povos estrangeiros; segundo, em oferecer explicações formais para a maioria dos fenômenos observáveis na natureza, afastando-os de qualquer significado sobrenatural. Colocava-se em jogo questões teóricas de fundo cosmológico, que apesar da presença da tradição mítica, terão os motivos divinos abrindo espaço para novas formas de pensar e representar a harmonia do Cosmos. A conquista do mundo não ocorria apenas em nível prático ou técnico, mas avançava em termos realmente filosóficos.

De certo modo, a prática investigativa vivenciada na Jônia do século VI a.C. pode ser bem exemplificada pelo que escreveu Platão em um trecho do Fédon, quando Sócrates diz: “Durante minha juventude sentia um desejo irresistível de aprender esse gênero de sabedoria que chamam “exame da natureza” (*peri physeos historia*), porque parecia admirável saber a causa de cada coisa” (96a). Em seguida, Platão vai descrever seu desejo em “saber o que produzia todos os fenômenos”(96c). Citando Anaxágoras de Clazômenas, vai enumerar algumas questões intrigantes das quais já se ocupavam os velhos jônios: a causa da geração e corrupção das coisas, a proveniência dos animais, a causa de nossos pensamentos, audição, visão e olfato, a verdadeira forma da Terra — se era plana (*plateiá*) ou redonda (*stronguile*) (97e); a revolução do sol, da lua e dos demais astros (98a), entre outras. Como sabemos, a tradição jônica de pensamento se estabelece em Atenas por volta de 470 a.C., trazida pelo mesmo Anaxágoras (cf. BURNET, 1994 : 21). De acordo com Teofrasto, ele havia compartilhado da filosofia do milésio Anaximenes (59A41DK), o que é comprovado não só pelas semelhanças nas idéias, mas também por ambos terem se ocupado basicamente dos mesmos problemas, acerca da “*physis*” e dos “*meteóra*”(as ‘coisas do alto’).

Através das viagens e da exploração de terras distantes, do contato com povos estrangeiros diversos, é que os gregos vão poder organizar a idéia de ‘mundo heleno’ e ‘cultura helena’. Pelo confronto com outras culturas os gregos vão tomar consciência de si mesmos. Além disso, os lugares mais distantes da Hélade, então referencial de mundo, comportavam as coisas maravilhosas, espantosas, dignas de serem admiradas, lembradas e mencionadas para outras pessoas, ou seja, os *thaumásia*. Pelo menos assim pensava Heródoto durante a primeira metade do século V a.C., quando relatou o resultado de suas investigações frente às riquezas, monumentos e modos de vida dos habitantes de regiões longínquas, lugares nunca visitados pelos gregos, próximos aos limites do mundo (gr. jôn. ‘*eschatié*’).

Porém, será em relação ao mundo de Tales de Mileto e Sólon de Atenas, um século antes, que as fontes da literatura grega vão associar as viagens e a experiência intelectual. Nesta época estava se consolidando a colonização helena pelo Mediterrâneo, durante a grande expansão iniciada nos finais do século VIII a.C., quando levas de emigrantes deixaram suas regiões para se fixar em terras propícias à agricultura. Novos Estados serão fundados, tornando-se praticamente independentes de suas *poléis*, apenas mantendo com estas alguns laços sócio-religiosos e muitas afinidades culturais. Vale destacar o desempenho das Póleis jônicas e eólias

do litoral asiático neste movimento de expansão marítima. Centros como Focéia, Mileto, Samos, Cólofon e Mitilene vão desde cedo enviar populações para fundar dezenas de cidades-Estado, no sul da Península Ibérica, na Magna Grécia, Propôntida, Ponto Euxino e no norte da África (Cirene e Naucrátis). O período citado, diz Paul Faure, foi a “época de ouro da Jônia” quando se realizou a maior expansão do mundo grego, a mais ousada e inovadora jamais vista (cf. FAURE, 1978: 13).

Consideramos o significativo valor prestado pelos gregos ao exercício das viagens como meio de instrução para o homem. Segundo referem Heródoto e Aristóteles, o legislador Sólon, depois de realizar as suas reformas em Atenas, viajou pelo mundo, a “negócios e por curiosidade”, para conhecer as coisas (*‘kat’emporian àma kai theorian’*. cf. Arist. *Const. At. IX* e Herod. I, 29). Plutarco vai também conferir às viagens um aprendizado válido, pois proporcionavam “uma vasta e variada experiência” (*‘kai pragmaton empeiros poiúsa pollón’*. Plut. *Vit. Sol. II*, 5).

Pela tradição contada por Proclo (séc. V d.C.), baseada na autoridade de Eudemos de Rodes, é provável que Tales tenha visitado o Egito, onde aprendera geometria junto aos agrimensores do país, trazendo depois este estudo para a Hélade (11A11DK). Também estiveram no Egito Sólon, Pitágoras e Demócrito, além de Hecateu de Mileto (c.520 a.C.) e Heródoto, que vão até este e outros países registrando por escrito o que puderam observar e conhecer em suas investigações (*historiai*).

O principal meio de transporte utilizado pelos gregos em seus deslocamentos foram sem dúvida os seus barcos. A atividade de navegação sempre exerceu uma forte presença no cotidiano grego. A relativa facilidade de circulação marítima decorrente das próprias condições geográficas da região constitui um motivo favorável ao exercício desta prática. No decorrer dos séculos VII e VI a.C., a necessidade de expansão comercial e a busca de novas terras para colonização vão exigir grandes esforços tanto em termos de recursos financeiros quanto na presença de um aparato técnico que garantisse um mínimo de sucesso em tal empenhimento. Neste caso, necessitou-se de gente preparada nas artes náuticas, na guerra e no comércio. O vasto campo de saberes envolvidos nessas atividades passava pelo terreno da geografia, pois devia-se conhecer as rotas marítimas e terrestres, os locais de desembarque, as distâncias e os sítios abrigados em terra. Aqui, as informações disponíveis sobre o clima, relevo, povos e culturas dos locais distantes eram por demais úteis. Também eram básicos os conhecimentos na área da astronomia e meteorologia, para acompanhar o regime dos ventos, das chuvas e marés e para permitir a previsão empírica do tempo. Por outro lado, os astros constituíam o principal guia

dos viajantes, já que não havia instrumentos de orientação náutica. Um poema de Calímaco (séc.III a.C) sugere que Tales tinha aprendido dos fenícios a orientação pela Ursa Menor, mais eficaz em indicar a direção do Pólo que a Ursa Maior, então utilizada pelos gregos (cf. Kirk-Raven, 1990: 78; Guthrie, 1967: 51). A cartografia, por sua vez, começa sua carreira no Ocidente durante o século VI a.C., quando Anaximandro apresentou um mapa bem rústico do mundo conhecido (*oikouméne*), talvez no modelo daquele descrito por Heródoto (V, 49), desde muito tempo em uso na Mesopotâmia. Conforme o próprio Heródoto (II, 109), os gregos haviam recebido dos babilônios instrumentos tal como o Gnómon (tipo de relógio de sol) e o Pólos (esfera celeste), que se tornaram conhecidos na Jônia provavelmente ainda no tempo de Tales. Além de tudo, a engenharia náutica também podia ser imprescindível em algumas situações, por exemplo, se os barcos precisassem de reparos ou mesmo se houvesse que se construir outro. Era importante ainda a presença de soldados e armas, no caso de um eventual confronto com piratas ou nativos hostis.

Não é de estranhar que os pensadores jônios, tendo vivido nesta época tão agitada e participando ativamente de todos esses processos, voltassem suas preocupações para o mundo à sua volta. Queriam saber a forma da Terra, a dimensão, distância e circuito dos astros, a causa dos ventos, enchentes, tremores de terra, maremotos, eclipses, entre outras coisas surpreendentes. Tais interesses transparecem igualmente durante a Época Clássica, como podemos perceber pelas teorias de Anaxágoras, Diógenes de Apolônia e Arquelau. A praticidade dos jônios na busca de resultados perceptíveis para os problemas diários vai estender-se no sentido do campo especulativo. Suas explicações tornaram os fenômenos naturais em fatos comuns, compreensíveis e de motivações basicamente físicas. Podendo conhecer os fenômenos, o modo como eles se produziam, podia-se garantir já “um certo grau de previsibilidade, que servia para amenizar a surpresa ante a chegada súbita desses acontecimentos e permitia por de lado o medo inconsciente de que se tratasse de forças demoníacas postas em jogo” (GIGON, 1985: 47). Ao menos na Jônia asiática, não cabiam mais explicações milagrosas para os fenômenos da natureza. As manifestações atmosféricas e geológicas não deviam pois causar terror, ainda mais se houvesse alguém de saber renomado por perto para lançar uma explicação não sobrenatural, livre do peso dos presságios e da superstição. Uma antiga tradição registrada por Heródoto refere que Tales de Mileto tinha avisado aos jônios o ano em que ocorreria um eclipse do sol, que de fato se deu por volta de 585 a.C.; pôde assim tranquilizar seus concidadãos, ao mesmo tempo que lídios e medos abandonavam, aterrori-

zados, um campo de batalha, pondo termo na guerra de seis anos que mantinham entre si (Herod. I, 74).

A prática da navegação era uma das mais perigosas atividades da antiguidade. Segundo W. Burkert, “a navegação antiga estava exposta a riscos incalculáveis. Em nenhuma outra ocasião, à exceção da guerra, tantos homens podiam perder as suas vidas ao mesmo tempo como num naufrágio.” (BURKERT, 1993: 508). Em certa altura do poema de Sólon dedicado às Musas, vemos como isso era realidade: “*Cada um se esforça a seu modo. Uns vão errantes, nas naves, tratando de levar a seu lar a ganância, pelo alto-mar rico em peixes, arrastado por ventos terríveis, sem dispor de proteção alguma à sua vida*” (Stob. Fl. 9, 25). Por isso, os marinheiros antigos eram supersticiosos e inclinados a acreditar em práticas mágicas (cf. BURKERT, ibidem). Mas para o porte da empresa marítima do período grego arcaico, havia a necessidade de lideranças enérgicas, não somente de espírito aventureiro mas determinadas a acreditar no conteúdo objetivo dos problemas, em tentar solucioná-los com certa eficácia lógica, sem se deixar tomar por nenhum pavor ingênuo. A audácia de homens assim ultrapassava o campo das artes náuticas, ao buscarem abordar tudo o que puderam acerca dos “*meteóra*” e dos “*thaumásia*”. Um bom exemplo disso encontramos em Heródoto (II, 20): “*Mas alguns helenos, desejosos de adquirir notoriedade pela sapiência, emitiram três explicações a propósito deste rio*” (do Nilo); Heródoto vai revelar então as principais opiniões correntes no seu tempo acerca das cheias do Nilo. Ele não chega a citar nomes, mas supõe-se que a primeira explicação havia sido dada por Tales de Mileto, a segunda, por Eutímenes de Massalia e a terceira, por Anaxágoras (cf. BURNET, op.cit. p. 49). Dizia o milésio que “*os ventos etênicos, soprando contra o Egito, aumentam o nível das águas do Nilo, já que interrompe o seu fluxo, pela oposição mar que vem em seu encontro*” (Aet. IV, 1, 1; 11A16DK ). Tal explicação é bastante física, mas Heródoto a descarta, alegando que existiam outros rios onde também sopravam esses ventos, e nem por isso sofriam enchentes durante o período. Neste mesmo caminho de explicações da natureza seguem os outros Milésios. Anaxímenes e Anaximandro vão lançar respostas para muitos fenômenos, tal como terremotos, arco-íris, relâmpagos, chuvas de granizo e de neve, eclipses, entre outros, sempre através de uma linguagem crítica, livre do tom sagrado e solene dos versos oraculares. Mesmo chegando a muitas conclusões equivocadas, sua postura será considerada válida, pois consolidava a visão crítica do mundo.

É importante lembrar que a cultura letrada, durante o século VI a.C., vai aos poucos conquistando espaço neste mundo da oralidade. Primeira-

mente na Jônia, as obras escritas se tornarão cada vez mais difundidas. Na forma de verso ou de prosa, elas constituirão um meio destacado de acesso e preservação de conhecimentos na atmosfera da Pólis (cf. HAVELOCK, 1996: 214). A escrita aparece na forma de Códigos de lei, como os de Creta, na de tratados médicos, como os hipocráticos, na de livros cosmogônicos, como os de Ferécides de Siros e Acusilau de Argos, nas inscrições funerárias, em seleções poéticas, como as da obra de Homero e na forma de contos de fundação, como os *ktiseis* de Cadmos de Mileto, de Íon de Quios e Helânicos de Lesbos, todos logógrafos dos séculos VI e V a.C (cf. PEARSON, 1975: 16); porém, para o presente estudo, interessa-nos analisar os livros produzidos na forma de manuais práticos de astronomia e meteorologia, como os prováveis escritos de Anaximandro e Anaxímenes, além de trabalhos baseados em pesquisas geográficas e históricas, como os de Hecateu e posteriormente, de forma mais ampla, a obra de Heródoto, já na Época Clássica. Sobre os dois primeiros, autores tardios atribuem um sugestivo título para os seus pretensos livros: "*Perí phýseos*" ou "Da Natureza", talvez pela falta de um nome melhor. O mesmo título é também considerado para Xenófanes de Cólofon, Empédocles, Parmênides e Diógenes de Apolônia, visto ter cada um deles tratado quase dos mesmos assuntos, no âmbito da *physis*. Segundo Gigon, o ponto de partida dos escritos Milésios tinham sido "notas de viagem em sentido amplo" (GIGON. op.cit., p.46), apesar deste autor não ser convincente quanto à existência de alguma obra escrita por Tales. Diz ainda que as questões cosmológicas fundamentais dos Milésios eram tratadas na parte introdutória de suas obras (op.cit., p. 47). Isto parece verossímil, tendo em vista o que nos resta do livro de Anaximandro, um único fragmento preservado por Simplicio e que de fato parece um proêmio.

Hecateu de Mileto, por sua vez, havia escrito o registro de suas viagens e investigações pelo mundo em dois livros: o primeiro chamava-se "*Períodos gês*" (lat. *Periegesis*), ou "Circuito da Terra", um tipo de manual geográfico escrito em prosa, talvez acompanhado de um mapa. Citava regiões da Europa Ocidental, como Espanha, Itália e Sicília, da Europa Oriental, Grécia, Macedônia, Mar Negro, da Ásia, Cítia, Cilícia e da África (Egito, Etiópia e Líbia). A outra obra de Hecateu se chama "*Genealogíai*" (lat. *Genealogiae*), também em prosa e que trazia um conjunto de tradições míticas obedecendo uma sucessão cronológica das gerações. É famosa sua introdução condenando as tradições míticas mais antigas, para ele bastante variadas e contraditórias. (cf. PEARSON, op.cit., pp.25-108). Estudos como estes dependiam conjuntamente das próprias experiências do autor como também das informações obtidas com viajan-

tes gregos e estrangeiros que se encontrasse nas cidades ou nos portos visitados. Isto é claro em Heródoto, que não nega qualquer tipo de fonte em suas investigações. O que pretende é levar aos seus contemporâneos o resultado de suas pesquisas acerca do mundo de seu tempo. Quer sobretudo registrar as coisas curiosas dos outros povos e terras, as coisas maravilhosas, sempre tentando apresentar um parecer crítico, sem conseguir entretanto livrar-se das ingenuidades tradicionais de seu tempo. Depois de citar os pontos de vista mais diversos e correntes entre os gregos e “bárbaros” sobre algum tema, Heródoto geralmente lançava sua posição ou emitia um juízo. Pelas evidências, podemos dizer que esteve em muitos lugares por ele descritos. Conhecia as grandes cidades gregas do Continente e das ilhas, da Costa asiática e do Mar Negro. Teria visitado a Lídia, Fenícia, Síria, Mesopotâmia e Egito. Seu projeto foi um avanço em comparação com os estudos de seus predecessores, como Hecateu. Sem se concentrar na descrição geográfica e topográfica, tal como fizera o milésio, ele vai orientar sua pesquisa também para o lado humano, para o que chamamos hoje de “geografia humana” (LEGRAND, 1955: 37).

Em resumo, as viagens tiveram um lugar privilegiado na cultura arcaica para a prática da investigação, alimentando ainda mais o desejo grego em conquistar o mundo, em conhecê-lo plenamente e em desvendar seus enigmas.

É relevante que todas as personalidades referidas foram grandes viajantes, a não ser no caso de Anaxímenes, de cuja vida quase nada sabemos. Também todos fazem parte da cultura de uma região particular (a Jônia) e viveram num recorte de tempo aproximado, de cerca de um século (desde Tales de Mileto até Anaxágoras e Heródoto). Em termos gerais, eles falaram do mundo em sua volta de maneira crítica. Se alguns se ocuparam em fazer especulações cosmológicas enquanto outros produziram sobretudo na área da geografia e história, não devemos esconder o fato de que todos se dedicaram aos “*thaumásia*”, àquilo que Aristóteles na Metafísica coloca como primeiro passo no caminho do filosofar, que é o “admirar-se” (gr. *thaumázein*).

Considerando que uma filosofia se defina pelos temas que trabalha e pelo modo que os aborda, então é certo que todos aqueles autores e pensadores fazem parte de uma mesma tradição de pensamento, o da investigação crítica do mundo, herança clara da cultura jônica. Todos tiveram participação ativa no meio social da Pólis. Sua produção intelectual está intimamente ligada às necessidades de interesse prático ou às exigências inesperadas de cunho especulativo. Quando Hecateu melhorou o antigo mapa de Anaximandro, ele demonstrou que seus interesses combina-

vam com os dos Milésios. Não importava que um fosse logógrafo e geógrafo e o outro astrônomo, filósofo ou líder político. Segundo a crítica de A. Bernabé, “uma vez mais vemos a artificialidade das fronteiras que traçamos entre atividades que tendemos inconscientemente a classificar como absolutamente separadas” (BERNABÉ, 1978: 363).

Portanto, a atuação dentro de qualquer desses saberes não diminuiu o interesse grego pela investigação no Período Arcaico. Está claro que as viagens aumentaram a curiosidade dos gregos pelo desconhecido, favorecendo seu crescimento intelectual. Homens como Sólon, Tales ou Pitágoras se tornaram exemplos de sabedoria, de educação refinada e de moral respeitável, sendo admirados em toda Hélade.

### **Corpora**

ARISTÓTELES. *A Constituição de Atenas*. São Paulo, Hucitec, 1986.

COLLI, G. *La Sapienza Greca, T. II*; Milano, Adelphi, 1994.

DIELS, H.-KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker, 3 t.*; Berlin, 1954.

HERÓDOTOS. *História*. Trad. Mario da Gama Kury, Brasília, UnB, 1988.

KIRK, G.S.-RAVEN, J.E. *Os Filósofos Pré-Socráticos*, Lisboa, Gulbenkian, 1990.

PLUTARQUE. *Vies, t. 2 (Solon)*. Paris, Les Belles Lettres, 1961.

#### BIBLIOGRAFIA GERAL:

ANDRÉ, J. M.-BASLEZ, M-F. *Voyager dans l'Antiquité*. Paris, Fayard, 1993.

BURNET, J. *O Despertar da Filosofia Grega*. São Paulo, Siciliano, 1994.

BERNABÉ, A. “Los Filósofos Presocráticos como Autores Literarios”. *Emerita*, 47 (1978). 357-393.

BOARDMAN, J. *Los Griegos en Ultramar: Comercio y Expansión Colonial antes de la Era Clásica*. Madrid, Alianza, 1986.

CAPPELLETTI, A. J. *Ciencia Jónica e Pitagórica*. Caracas, Equinoccio, 1980.

CAWKWELL, G.L. “Early Colonisation”. *Classical Quarterly*, 42(ii), 1992. 289-303

COSTANTINI, M. *La Génération Thalès*. Paris, Criterion, 1992.

DOMÍNGUEZ MONEDERO, A.J. *La Polis y la Expansión Colonial Griega (siglos VIII-VI)*. Madrid, Alianza, 1986.



- FAURE, P. *La Vie Quotidienne des Colons Grecs*. Paris, Hachette, 1978.
- GIGON, O. *Los Orígenes de la Filosofía Griega*. Madrid, Gredos, 1985.
- GRAHAN, A.J. *Colony and Mother City in Ancient Greece*. Chicago, Ares Plubishers, 1993.
- GUAL, C. G. *Antologia de la Poesia Lírica Griega*. Madrid, Alianza, 1989.
- GUTHRIE, W. K. C. *A History of Greek Philosophy, t.I*; Cambridge, Univ. Press, 1967.
- HAVELOCK, E. *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Consequências Culturais*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- JACOB, C. *Géographie et Ethnologie en la Grèce Ancienne*. Paris, Armand Colin, 1991.
- KAHN, C. H. *Anaximander and the Origins of Greek Cosmology*. New York, Columbia Univ. Press, 1960.
- LEGRAND, Ph-E. *Heródote: Introduction*. Paris, Les Belles Lettres, 1955
- PEARSON, L. *Early Ionians Historians*. Westport, Greenwood Press, 1975.
- ROEBUCK, C. *Ionian Trade and Colonization*. New York, Archaeological Instit. of America, 1959.
- THOMSON, J.O. *History of Ancient Geography*. New York: Biblio & Tannen, 1965.